

# As adesões polêmico-contratuais em “Feliz aniversário” de Clarice Lispector

Luciana Sciarretta

R: Isaias José Ferreira, 90 ap. 13 – Ribeirão Preto – SP – Cep: 14092-180 – Brasil.

Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP

[luciana@netsite.com.br](mailto:luciana@netsite.com.br)

**Abstract.** *This work analyses the tale "Feliz Aniversário" (Happy Birthday) from the book "Laços de Família" (Family Bonds) by Clarice Lispector under the semiotic theory. It was described the narrative level of the text, specifically the actantial course of the subjects 'family' and 'mother', aiming to analyse its relation to the object 'birthday party'. It is known that the modalization of veredict replaces the matter of truth with verediction. It starts from the resemblance or non-resemblance of the manifestation and it is built or inferred the to be or not-to-be of immanence. Thus, the party, which should be a moment of union and fraternization, is not so, because the lucid and not naive birthday person, gets disappointed with their relatives, and sees the party as fake.*

**Keywords.** *Semiotics; narrative level; discursive level; veridict modalization.*

**Resumo.** *Este trabalho analisa o conto “Feliz aniversário” do livro ‘Laços de família’ de Clarice Lispector sob o olhar da teoria semiótica. Descrevemos o nível narrativo do texto, especificamente o percurso actancial dos sujeitos “família” e “mãe” com o objetivo de analisar a sua relação com o objeto “festa de aniversário”. Sabe-se que com a modalização veridictória substituiu-se a questão da verdade pela da veridicção. Parte-se do parecer ou não-parecer da manifestação e constrói-se ou infere-se o ser ou o não-ser da imanência. Assim, a festa, que deveria ser um momento de união e confraternização, não acontece nesses termos, pois a aniversariante, lúcida e nada ingênua, decepciona-se com os familiares, enxerga a festa como mentira.*

**Palavras-chave.** *Semiótica; nível narrativo; nível discursivo; modalização veridictória*

O objetivo deste trabalho é mostrar um dos caminhos que a semiótica greimasiana pode trilhar na análise de um texto. Vamos nos ater a um exercício de análise semionarrativa e semiodiscursiva, exercício esse que originou-se dos encontros de um grupo de estudos em semiótica, realizados em uma Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP - coordenados pelas professoras doutoras Marisa Gianecchini Golçalves de Souza e Vera Lúcia Rodella Abriata. Teremos como objeto de estudo um conto de Clarice Lispector “Feliz aniversário”, do livro **Laços de família**. O trabalho tem a preocupação de focar as transformações dos sujeitos que, no nível discursivo, recebem o nome de atores, justamente pelo fato de, ao longo da narrativa, manifestarem pelo menos um papel actancial e um papel temático.

Clarice Lispector tem a maestria de revelar as transformações dos sujeitos de modo profundo, denso, transcendente, epifânico. Suas obras colocam à mostra os grandes conflitos do ser humano, explorando com muita sutileza as regiões mais profundas e inexprimíveis da alma, aliando razão e sensibilidade por meio de uma linguagem extremamente poética.

A história centra-se na festa de aniversário de D. Anita, uma senhora que completa oitenta e nove anos, e seus familiares reúnem-se para comemorar a data. Zilda, a filha com quem a aniversariante mora, organiza a casa para receber a família, prepara tudo com antecedência para que nenhum imprevisto aconteça. Pouco a pouco os convidados vão chegando; os filhos, as noras, os netos, quase todos ali fingem comemorar o aniversário. A aniversariante observa tudo sem grande entusiasmo. Cantam os parabéns, “festejam”, logo em seguida se despedem e vão embora.

Descrevemos, neste exercício de análise, o nível narrativo do percurso gerativo de sentido, especificamente o percurso actancial dos sujeitos “Zilda” e da aniversariante, “D. Anita”. Objetivamos revelar o nível do ser e do parecer dos dois atores e o conflito entre eles. A filha Zilda é um sujeito manipulado pelo dever de realizar uma festa de aniversário para sua mãe, que completa oitenta e nove anos, arruma a casa, ocupa-se com os preparativos e convida os familiares para a comemoração. Nota-se que, no nível do parecer, a comemoração simula-se prazerosa, mas a manipulação do ator Zilda não se dá pelo querer-fazer, ou seja, realizar a festa de aniversário da mãe, mas sim pelo dever-fazer. Assim, no nível do ser, ao focalizar o ponto de vista de Zilda, o narrador revela-nos o quanto ela se sente revoltada por ter de arcar com essa tarefa solitariamente:

*“ninguém se lembrando de que ninguém havia contribuído com uma caixa sequer para a comida da festa que ela, Zilda, servia como uma escrava, os pés exaustos e o coração revoltado”.* (C.L., 1998, p.58)

*“... a dona da casa guardava os presentes, amarga, irônica.”* (C.L., 1998, p.58)

*“..., Zilda suave, nenhuma cunhada ajudou propriamente,...”.*(C.L., 1998, p.58).

No lugar de uma comemoração prazerosa, nota-se que não só Zilda, mas todos os parentes, os familiares estão apenas cumprindo tarefas (todos também manipulados pelo dever). Um outro exemplo é do sujeito “nora de olaria” que cumprimenta com cara fechada os da casa.

*“Vim para não deixar de vir”,...* (C.L., 1998, p. 54).

*“a nora de Olaria empertigada... ; a nora de Ipanema na fila oposta das cadeiras fingindo ocupar-se com o bebê para não encarar a cunhada de Olaria;...”.*(C.L., 1998, p.55).

O papel que Zilda sente-se no dever de realizar é manter, no nível do parecer, a impressão de que estão vivos os laços de família, e a festa de aniversário é a figura do texto que manifesta essa confraternização, que, no nível do ser, se configura como mentirosa – “parece, mas não é”. Assim, a festa, que deveria ser um momento de união

e confraternização, não acontece como confraternização, mas como uma comemoração convencional. Nesse sentido, o enunciador parece levar-nos, enquanto enunciatários, a uma sanção negativa frente à forma de agir da família, e a aniversariante, lúcida e nada ingênua, decepção-se com os familiares, consegue perceber o papel que cada um está representando, percebe o jogo entre os dois níveis da modalização veridictória; - a do parecer, em que há um falso envolvimento dos convidados para a comemoração - e do ser, em que todos estão cumprindo tarefas, não sendo possível, assim, um verdadeiro envolvimento emocional entre eles. A modalização veridictória mostra-nos a relação do sujeito com o objeto, indicando-a verdadeira ou falsa. Deve-se lembrar que a questão da verdade, em semiótica, é substituída pela da veridicção ou do dizer verdadeiro: “um estado é considerado verdadeiro quando um sujeito, diferente do sujeito modalizado, o diz verdadeiro.” (Diana Luz Pessoa de Barros, in: *Teoria Semiótica do Texto*, 2003, p. 45-46). O narrador põe-nos em contato constantemente com o estado de decepção e de angústia de D. Anita, cujo papel actancial é o de sujeito sancionador da família, o que se figurativiza no texto por meio de seu monólogo interior, em que se revela o julgamento negativo que imprime à família durante a festa .

“A velha não se manifestava.” (C.L., 1998, p.57),

“ E de súbito a velha pegou na faca. E sem hesitação, como se hesitando um momento ela toda caísse para a frente, deu a primeira talhada com punho de assassina.” (C.L., 1998, p.59),

“Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspiisse.”(C.L., 1998, p.60).

“ Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão”.(C.L., 1998, p.60-61).

O ato de “cuspir no chão, é a figura que manifesta, no nível discursivo, o fato de os laços de família não se sustentarem mais, extremamente fragilizados no momento em que se encontram . Com essa atitude, por outro lado, a velha senhora provoca a raiva da filha Zilda, que teme a sanção negativa dos irmãos.

“- Mamãe! Gritou mortificada a dona da casa...., sabia que os desgraçados se entreolhavam vitoriosos como se coubesse a ela dar educação à velha, e não faltaria muito para dizerem que ela já não dava mais banho na mãe, jamais compreenderiam o sacrifício que ela fazia.”(C.L., 1998, p. 61).

Ao final, a velha senhora, manifesta toda sua cólera e revolta em relação à família: “- Me dá um copo de vinho! disse.” (C.L., 1998, p.61),.

“- Vovozinha, não vai lhe fazer mal? insinuou cautelosa a neta roliça e baixinha.” (C.L., 1998, p. 62)

“- Que vovozinha que nada! explodiu amarga a aniversariante.\_\_\_\_ Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas! me dá um Copo de vinho, Dorothy! - ordenou.” (C.L., 1998, p.62)

*“Dorothy não sabia o que fazer, olhou para todos em pedido cômico de socorro. Mas, como máscaras isentas e inapeláveis, de súbito nenhum rosto se manifestava. A festa interrompida,...”* (C.L., 1998, p. 62).

A família mostra-se perdida diante da polêmica da ruptura contratual que a velha senhora empreende, pois, com sua cólera, faz cair as máscaras da falsidade que adornam o rosto de seus componentes.

*“Todos se entreolharam polidos, sorrindo cegamente, abstratos como se um cachorro tivesse feito pipi na sala. Com estoicismo, começaram as vozes e risadas.”* (C.L., 1998, p. 62).

*“As pessoas ficaram sentadas benevolentes. Algumas com a atenção voltada para dentro de si, à espera de alguma coisa a dizer.”* (C.L., 1998, p.63).

*“Mas as luzes eram mais pálidas que a tensão pálida da tarde. E o crepúsculo de Copacabana, sem ceder, no entanto se alargava cada vez mais e penetrava pelas janelas como um peso.”* (C.L., 1998, p. 63).

O narrador demonstra, por meio da figura “peso”, que todos ali estavam também ansiosos para irem embora.

*“E por assim dizer, de novo a festa estava terminada.”* (C.L., 1998, p. 63).

*“Pisado o último degrau, com alívio os convidados se encontraram na tranqüilidade fresca da rua.”*(C.L., 1998, p66).

*“Todos sentindo obscuramente que na despedida se poderia talvez, agora sem perigo de compromisso, ser bom e dizer aquela palavra a mais que palavra? Eles não sabiam propriamente, e olhavam-se sorrindo, mudos. Era um instante que pedia para ser vivo. Mas que era morto.”* (C.L., 1998, p. 66).

Percebemos, então, que a festa de aniversário se processa apenas no nível do parecer. O título do conto “Feliz aniversário” sugere a leitura irônica dos “laços de família” que, na visão do enunciador, se tornam fragilizados, pois a confraternização familiar não acontece verdadeiramente.

## **Bibliografia**

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica de texto*. Ed. 4. São Paulo: Ática, 2003.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. Ed. 3. São Paulo: Contexto, 1992.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.